



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 06/12/2019 a 12/12/2019

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²**

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
06/12/2019	8,89	297,40	31,01	5,32	3,66
09/12/2019	8,97	296,70	31,36	5,32	3,65
10/12/2019	9,01	296,90	31,47	5,34	3,63
11/12/2019	8,93	293,30	31,23	5,30	3,57
12/12/2019	8,98	292,60	32,03	5,39	3,67
Média	8,96	295,38	31,42	5,33	3,64

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	85,00	0,00
RS - Santa Rosa	84,75	0,00
RS - Ijuí	84,75	0,00
PR - Cascavel	83,75	-0,59
MT - Rondonópolis	83,25	-1,19
MS - Ponta Porã	85,00	2,41
GO - Rio Verde (CIF)	86,00	2,99
BA - Barreiras (CIF)	81,50	0,00
MILHO		
Argentina (FOB)**	167,00	-1,76
Paraguai (FOB)**	132,50	0,00
Paraguai (CIF)**	182,50	0,00
RS - Erechim	45,50	0,00
SC - Chapecó	45,00	-1,10
PR - Cascavel	43,00	1,18
PR - Maringá	43,25	1,17
MT - Rondonópolis	36,50	0,00
MS - Dourados	40,50	2,53
SP - Mogiana	46,50	-1,59
SP - Campinas (CIF)	48,75	-1,81
GO - Goiânia	43,50	1,75
MG - Uberlândia	47,00	1,08
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	740,00	0,00
RS - Santa Rosa	740,00	0,00
PR - Maringá	930,00	0,00
PR - Cascavel	915,00	0,00

Período: 12/12/2019

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 12/12/2019

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	36,54	79,03	39,80

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 12/12/2019

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	45,50
Feijão (saco 60 Kg)	143,88
Sorgo (saco 60 Kg)	28,17
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,73
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,26**
Boi gordo (Kg vivo)*	7,03

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Novembro - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

A cotação da soja em Chicago, para o primeiro mês, ensaiou romper o teto dos US\$ 9,00/bushel, porém, encontrou resistências e acabou fechando o dia 12/12 (quinta-feira) em US\$ 8,98, contra US\$ 8,84/bushel uma semana antes.

O mercado não encontrou no relatório de oferta e demanda, anunciado no dia 10/12, nenhum suporte já que o mesmo praticamente repetiu os números anunciados em novembro, baixando, inclusive, o preço médio a ser recebido pelos produtores estadunidenses, neste ano 2019/20, para US\$ 8,85/bushel, contra US\$ 9,00 em novembro. Vale dizer que o mercado esperava redução dos estoques finais estadunidenses, fato que não ocorreu neste relatório. Dito isso, será o relatório de janeiro o mais relevante, pois o mesmo contabiliza por inteiro o final da colheita de verão nos EUA, sendo considerado definitivo.

Por outro lado, as exportações líquidas de soja por parte dos EUA, para o ano 2019/20, iniciado em 1º de setembro, atingiram a 683.800 toneladas na semana encerrada em 28/11. Esse volume ficou 55% abaixo da média das quatro semanas anteriores. Mesmo sem um acordo comercial com os EUA, a China voltou a liderar as compras semanais, ficando com 298.600 toneladas do total. O mercado ficou decepcionado com as vendas totais pois esperava um volume entre 600.000 e 1,15 milhão de toneladas.

Na prática, a demanda chinesa por soja estadunidense continua aquecida, com os asiáticos aumentando em 40,9% as importações de soja em grão oriunda dos EUA em novembro, em comparação a novembro de 2018. Em outubro o aumento havia sido de 19,8%. As importações de soja em grão, por parte da China, somaram 8,28 milhões de toneladas em novembro, subindo 54% sobre novembro de 2018. No acumulado do ano as importações chinesas alcançam 79 milhões de toneladas, com um recuo de 4,1% sobre igual período do ano passado.

Por sua vez, as inspeções de exportação de soja, por parte dos EUA, chegaram a 1,3 milhão de toneladas na semana encerrada em 05/12, desta feita ficando acima das 1,2 milhão de toneladas esperadas pelo mercado. No acumulado do atual ano comercial, iniciado em 1º de setembro, as inspeções alcançam 17,3 milhões de toneladas, contra 14,2 milhões no mesmo período do ano anterior.

Quanto ao acordo comercial entre EUA e China, após o fracasso da conclusão da Fase Um em novembro, existe otimismo de que o mesmo ocorra a qualquer momento. Todavia, já neste dia 15/12 (domingo) está prevista a entrada em vigor de nova rodada de tarifas sobre produtos chineses, atingindo cerca de US\$ 150 bilhões. Se isso vier a ocorrer, o mercado deverá sofrer pressão baixista. Neste sentido, ministros estadunidenses repetem declarações passadas de Donald Trump pelas quais o governo dos EUA desistirá das negociações se um “acordo eventual não for bom para os EUA”. Dito isso, no final desta semana o governo norte-americano já estava disposto a cancelar a imposição de novas tarifas, pois o acordo não ficará pronto até este dia 15/12, porém, estaria bem avançado. Entretanto, isso não foi suficiente para impedir um movimento de correção no mercado, onde vendas de contratos puxaram o bushel para baixo na quarta-feira (11/12), quando o mesmo atingiu a US\$ 8,93.

No Brasil, a manutenção de Chicago próximo dos níveis das semanas anteriores e a revalorização do Real para níveis de R\$ 4,12 por dólar (nível que não era visto há mais de um mês) acabou estabilizando os preços da soja, com um viés de baixa em algumas regiões. Prêmios entre US\$ 0,84 e US\$ 0,97/bushel nos principais portos brasileiros em nada ajudou a mudar o quadro.

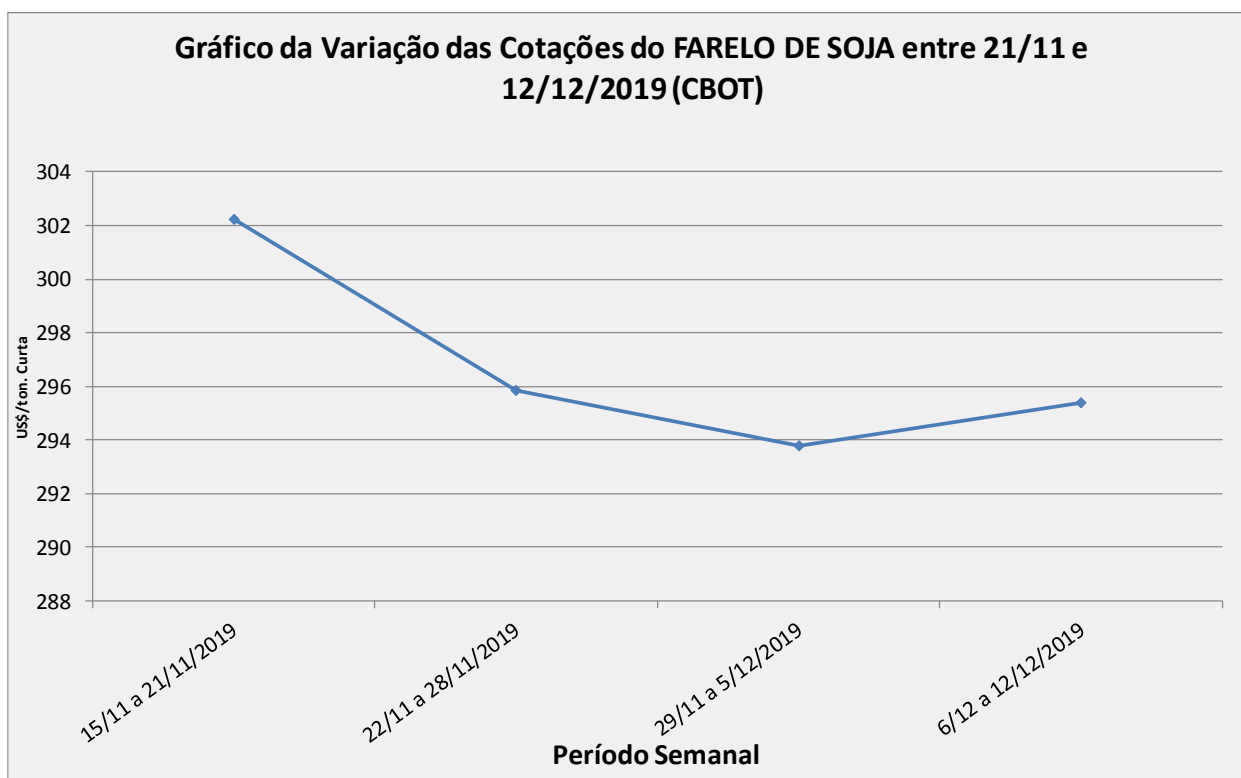
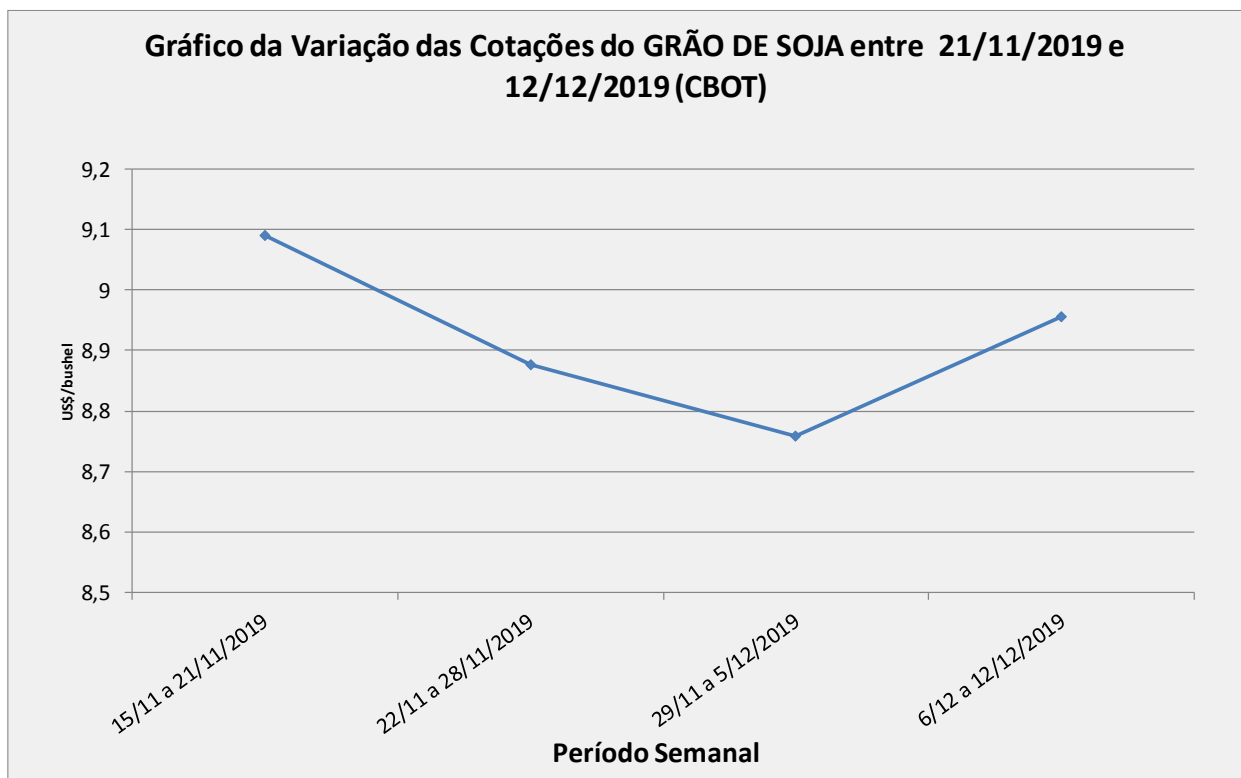
Desta forma, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 79,03/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 84,00 e R\$ 84,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 77,00/saco em Sorriso e Sinop (MT) e R\$ 85,00/saco em Patrocínio (MG) e Campos Novos (SC), passando por R\$ 83,00 no Paraná e em Goiatuba (GO); R\$ 79,00 em São Gabriel (MS); 76,00 em Uruçuí (PI) e R\$ 74,00/saco em Pedro Afonso (TO).

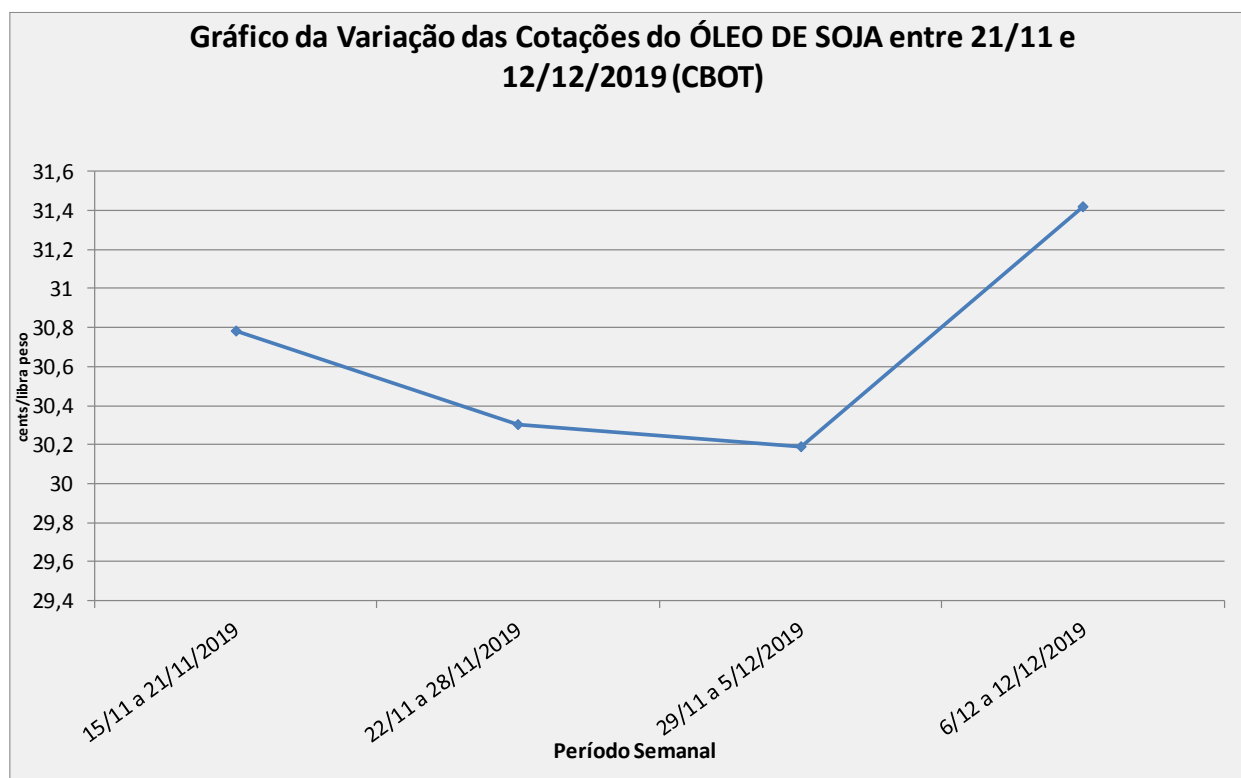
A comercialização da última safra chegava a 97% do total no Brasil em 06/12, contra 96% na média histórica. Os dois Estados que ainda mais possuíam soja da safra velha eram Santa Catarina, com 13% a ser vendido e o Rio Grande do Sul com 7%. Quanto a comercialização antecipada da safra nova de soja, o Brasil atingia, até o dia 06/12, um total de 38% negociado, contra 32% na média. O Rio Grande do Sul, com 19% vendido, estava dentro da média histórica; o Paraná atingia a 30%, contra 24% na média; o Mato Grosso 44%, contra 41% na média; o Mato Grosso do Sul com 36%, contra 29%; Goiás com 47% vendido contra 37% na média; São Paulo com 45%, contra 25%; Minas Gerais com 41%, contra 29%; Bahia com 48%, contra 37%; Santa Catarina com 26%, contra 20%; Maranhão 53%, contra 48%; Piauí 48%, contra 39%; Tocantins 50%, contra 47%; e o somatório dos demais Estados produtores com 53% já vendido, contra 42% na média. (cf. Safras & Mercado) Nota-se que apenas o Rio Grande do Sul, guardando sua característica conservadora neste mercado, não supera a média histórica de vendas antecipadas neste início de dezembro.

Por outro lado, o plantio da nova safra chegava a 91% da área nacional em 06/12, contra 93% na média histórica para esta data. O Rio Grande do Sul, com 84%, contra 85% na média, e a Bahia com 80% semeado, contra 85% na média, eram os que mais área tinham a semear, com exceção dos Estados do Nordeste, enquanto os demais praticamente já haviam encerrado o processo. A título de comparação, até a data indicada, a Argentina havia plantado 55% de sua área de soja, contra 58% um ano antes. (cf. Safras & Mercado)

Vale destacar que o mercado começa a se preocupar com possíveis perdas no sul do Brasil e na Argentina devido as poucas chuvas que têm ocorrido em muitas localidades desta região nas últimas semanas.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 21/11/2019 a 12/12/2019.





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago, após recuarem para US\$ 3,57/bushel durante a semana, se recuperaram para fechar próximas dos níveis da semana anterior. De fato, o primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (12) em US\$ 3,67/bushel, contra US\$ 3,65 uma semana antes.

Assim como no caso da soja, o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 10/12, para o milho, não trouxe novidades. O mesmo praticamente manteve os números do relatório de novembro para os EUA. Todavia, aumentou a produção mundial para 1,109 bilhão de toneladas, com ganhos de quase 7 milhões de toneladas sobre novembro, e aumentou os estoques finais mundiais para 300 milhões de toneladas, com acréscimo de quase 5 milhões sobre os números de novembro. Também aqui a expectativa é para o relatório de janeiro próximo, o qual deve consolidar os números da atual safra 2019/20 para os EUA.

O clima na América do Sul ganha espaço, pois há perdas no sul do Brasil e também na Argentina devido a falta de chuvas nas últimas semanas, particularmente na região Central do vizinho país. Além disso, as atenções se voltam para a transição das exportações do Brasil para os EUA, na medida em que nosso país entra no forte da entressafra de milho e diminui naturalmente suas vendas externas logo mais. Dito isso, o mercado está preocupado com o baixo ritmo das vendas externas estadunidenses na atualidade, sendo que apenas 546.100 toneladas foram exportadas na semana anterior, contra uma expectativa que girava entre um e 1,5 milhão de toneladas.

Enquanto a colheita da soja nos EUA está praticamente encerrada, a do milho alcançava 92% da área no dia 08/12, contra 100% na média histórica para esta data.

Na Argentina a tonelada FOB de milho recuou para US\$ 167,00, enquanto no Paraguai a mesma permaneceu em US\$ 132,50.

E no Brasil o mercado se mantém firme, apesar de certa acomodação de preços diante da chegada do final de ano e o marasmo provocado pelas Festas. A média gaúcha no balcão ficou em R\$ 36,54/saco, enquanto os lotes giraram entre R\$ 44,00 e R\$ 45,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes ficaram entre R\$ 32,00 em Sinop (MT) e R\$ 50,00/saco em Itanhandu (MG), passando por R\$ 49,00 em Alfenas (MG) e R\$ 45,50 em Concórdia, Videira e Campos Novos (SC).

Os preços cederam um pouco em São Paulo pela menor presença do lado comprador, mas isso não deve durar muito. A preocupação continua a respeito da oferta que o país terá a partir de janeiro, diante da redução dos estoques, da alta exportação e das dificuldades climáticas na safra de verão. Há perdas devido ao excesso de chuvas e atraso no plantio no Centro e Sudeste do país e, agora, há problemas graves de falta de chuvas em grandes regiões do Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina, Estados tradicionais importadores de milho.

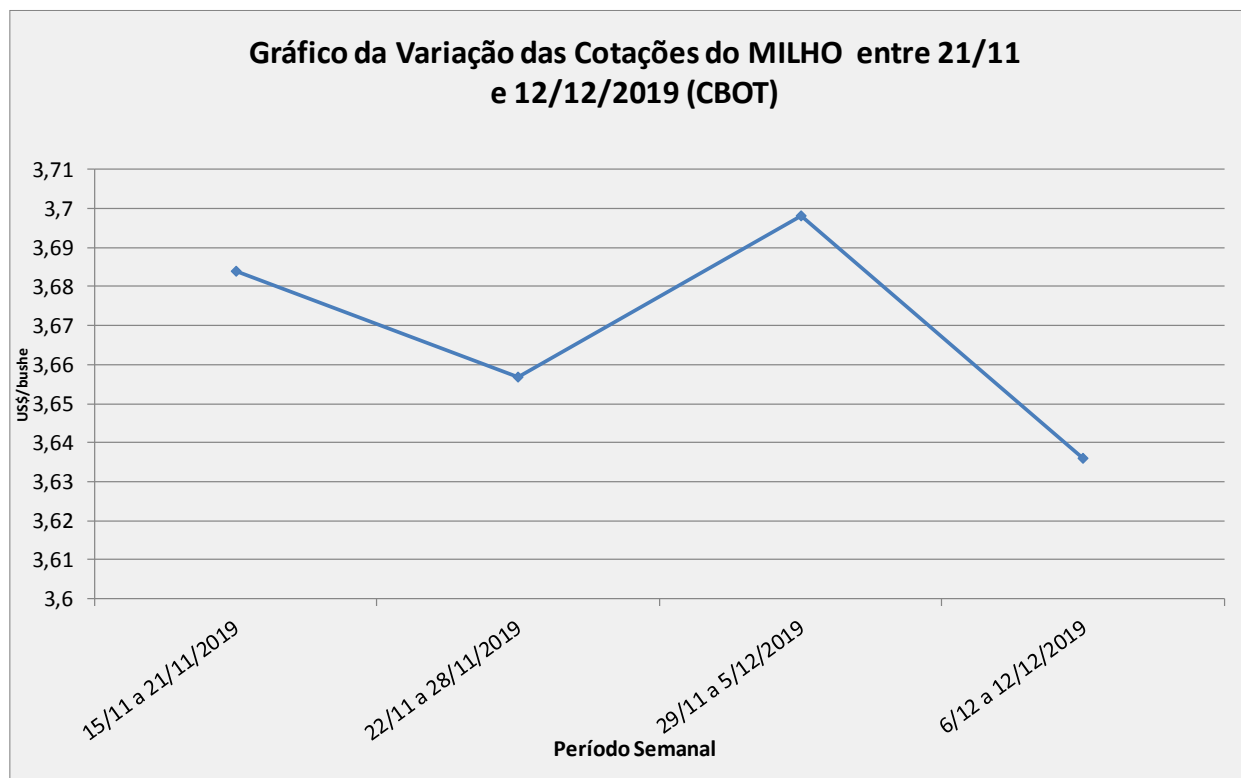
Não se pode ignorar igualmente o clássico problema de logística brasileiro quando iniciar a colheita da soja, fato que deixa o milho em segundo plano. Assim, diante da calma de mercado, que se avizinha com as Festas de Final de Ano, os preços buscam acomodação. Tanto é verdade que na Sorocabana paulista o saco de milho retornou ao nível de R\$ 45,00, enquanto o referencial Campinas ficou em R\$ 49,00 no CIF. A questão é ter oferta suficiente a partir de janeiro.

Neste sentido a semana já registrou notícia de que um importante industrial consumidor teria importado um grande volume de milho, confirmando a tendência que se apresentava já nas últimas semanas e colocando o mercado ainda mais em alerta.

Por outro lado, até o início deste mês de dezembro a safrinha de 2019 já havia sido vendida em 84% de seu volume, contra 82% no ano anterior. Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Paraná ainda possuem um pouco mais de milho do que o restante dos produtores da safrinha. Quanto a comercialização da futura safrinha, até o início do corrente mês a mesma atingia a 9% do total esperado, contra 6% na mesma época do ano passado. O Mato Grosso chegava a 14% comercializado, contra 11% em 2018 nesta época. (cf. Safras & Mercado)

Enfim, o plantio da safra de verão, até o dia 06/12, atingia a 92% da área do Centro-Sul brasileiro, contra 98% no ano passado na mesma época. Os Estados mais atrasados eram Goiás/DF com 87%, contra 100% um ano antes; e Minas Gerais com 75%, contra 94% um ano antes. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 21/11/2019 a 12/12/2019.



MERCADO DO TRIGO

O primeiro mês cotado para o trigo, em Chicago, não se alterou muito durante a semana. O relatório de oferta e demanda do USDA não trouxe grandes novidades, tendo apenas reduzido um pouco os estoques finais dos EUA, porém, aumentou na mesma proporção os estoques finais mundiais. Com isso, o bushel fechou a semana (dia 12) em US\$ 5,39, contra US\$ 5,32 uma semana antes.

Por sua vez, as vendas líquidas de trigo por parte dos EUA atingiram a 228.100 toneladas na semana encerrada em 28/11, ficando 45% menores do que a média das quatro semanas anteriores. O mercado esperava exportações entre 250.000 e 700.000 toneladas. Já as inspeções de exportação atingiram a 313.810 toneladas na semana encerrada em 5 de dezembro, ficando abaixo do esperado pelo mercado. No acumulado do atual ano comercial, iniciado em 1º de junho, as inspeções somam 13 milhões de toneladas, contra 11 milhões no ano anterior.

Por outro lado, a safra de trigo na Argentina já estaria colhida em torno de 50%, segurando a possibilidade de maiores altas de preços no Brasil. Os problemas climáticos no vizinho país já o levaram a estimar uma safra final de 18,5 milhões de toneladas, contra 20 milhões esperados inicialmente.

No Mercosul, a tonelada FOB para exportação girou entre US\$ 180,00 e US\$ 200,00, com a safra nova argentina ficando em US\$ 195,00, ambos na compra.

E no Brasil os preços estabilizam, porém, o viés de alta se mantém. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 39,80/saco, enquanto os lotes giraram em torno de R\$ 43,80/saco. No Paraná, o balcão se mantém entre R\$ 47,50 e R\$ 48,00/saco, enquanto os lotes continuam entre R\$ 54,00 e R\$ 55,00/saco. Já em Santa Catarina, o balcão registra valores entre R\$ 42,00 e R\$ 44,00/saco, enquanto os lotes, na região de Campos Novos, ficam em R\$ 48,90/saco.

Mesmo com a colheita já toda realizada no Brasil, a quebra de safra mantém os preços firmes no mercado nacional, pois as perdas se deram em volume e na qualidade. Neste último caso, a oferta de trigo de qualidade superior é, mais uma vez, pequena. Soma-se a isso a desvalorização do Real, que torna a importação mais cara, e temos um trigo nacional com preços elevados para o momento.

A recente valorização do Real, passando de R\$ 4,28 em seu auge, para os atuais R\$ 4,12, pouco mudaram o quadro das importações, mantendo ainda o produto externo muito caro.

Isto está levando os moinhos locais a usarem de forma mais intensa o produto inferior para realizar a mistura com trigo de qualidade na fabricação da farinha. Mesmo assim, nos quatro primeiros meses do atual ano comercial (agosto-novembro) o Brasil já importou 2 milhões de toneladas de trigo, de um total esperado de 7 a 7,5 milhões a serem importados. Já as exportações, por enquanto, são mínimas.

Em síntese, o viés de alta continua para o trigo nacional, passado o período de pressão da colheita. A melhor procura pelo trigo de qualidade inferior, visando a mistura, também melhora o preço deste, pois normalmente o produto é direcionado à exportação com valores menores. Passada a fase de pressão pós-colheita (neste caso deve-se contar também com a colheita da Argentina e dos demais vizinhos países do Mercosul), caso o câmbio se mantenha nos atuais níveis, os preços do trigo tendem a subir, talvez voltando aos patamares anteriores à safra ou mesmo um pouco mais. Assim, o principal elemento balizador do preço nacional do trigo, hoje, é o câmbio no Brasil.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 21/11/2019 a 12/12/2019.

Gráfico da Variação das Cotações do TRIGO entre 21/11 e 12/12/2019 (CBOT)

